

## FORMAÇÃO CONTINUADA: COMO CONTRIBUIÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E NUMERAMENTO.

Miriam Paulo da Silva Oliveira <sup>1</sup>  
Rosilene Pedro da Silva <sup>2</sup>  
Amara Cristina Barros da Silva Botelho <sup>3</sup>

### RESUMO

Pesquisas revelam nestas últimas décadas problemas relevantes no processos de aprendizagem da leitura e escrita no conteúdo escolar. Esse problema tem causado um fracasso nos resultados esperados. No entanto, os dados revelam um percentual de 65,1% no Município de Vicência de crianças que chegam ao final do primeiro ciclo sem o domínio mínimo de uma leitura e escrita fluente e com compreensão. Neste sentido, no reportamos para o conceito de alfabetização e letramento que, embora distintos, relacionam-se entre si, dando significado ao ato de ler e escrever. Para Magda Soares, “alfabetização significa o domínio do sistema alfabético e ortográfico”. É, no entanto, o processo em que o indivíduo é capaz de construir e reconstruir o conhecimento da língua escrita. Porém, compreendendo a necessidade de tornar o processo de alfabetização significativo e contextualizado, surge há duas décadas, o letramento que, segundo a autora, traz o conceito de “desenvolvimento de comportamentos e habilidades, de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. Nesse contexto, é de suma importância compreender que, mesmo tendo conceitos diferenciados, a alfabetização e do letramento são indissociáveis, pois não se concebe, alfabetização sem o uso das práticas sociais da leitura e da escrita as quais qualifica o processo de ensino e aprendizagem. Corroborando o pensamento da autora acima citada, Emília Ferreiro diz que “um dos maiores danos que se pode causar a uma criança, é leva-la a perder a confiança na própria capacidade de pensar”.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Numeramento. Formação Continuada.

### INTRODUÇÃO

O programa Caminhos da Alfabetização que concerne à formação continuada da Rede Municipal de Vicência, englobando um público de 30 professores e 15 assistentes de alfabetização, propondo fortalecer o ensino e aprendizagem por intermédio de oficinas onde serão vivenciadas teoria e prática. Esse projeto de intervenção surgiu da problemática diagnosticada em que muitos estudantes apresentam dificuldades de leitura, escrita e conhecimento matemático no 1º e 2º Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desta maneira, o projeto visa cumprir as metas do PME no que se refere à alfabetização na idade certa. Para

---

<sup>1</sup>Mestta em Ciências da Educação –Universidade Politecnica Y Artística del Paraguay, PY, mirampaulo@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade de Pernambuco - UPE, [coautor1rosilenepalmeiras@hotmail.com](mailto:coautor1rosilenepalmeiras@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutora pela Universidade Federal de PE., Literatura e Cultura UFPE, PE, acristinabotelho@gmail.com

isso, é necessária uma efetiva formação específica para os professores que estão no ciclo da alfabetização. Diante dessa abordagem nossa proposta é que ao término do ano letivo os estudantes ingressem no 3º ano do Ensino Fundamental com uma apropriação da leitura e da escrita de maneira significativa e, sobretudo, crítica.

Ao longo da trajetória da Educação Brasileira a Alfabetização tem se consolidado como um problema de âmbito educacional e, conseqüentemente social, ou seja, um entrave que muito se tem discutido e pesquisado a respeito. Infelizmente nosso país apresenta um dos maiores índices de analfabetismo em todo mundo. Essa situação caótica e alarmante inquieta estudiosos e especialistas em todas as esferas educacionais.

O debate acerca da alfabetização tem sido empoderado constantemente, pois é uma temática que requer uma reflexão aguçada entre a teoria e a prática. De acordo com a BNCC (2018) a exigência da alfabetização se dá até o término do 2º Ano, do Ensino Fundamental oferecendo-lhe uma educação igualitária, proporcionando o nivelamento entre os alunos para o ingressar no 3º Ano. Portanto, esta pesquisa busca fortalecer de maneira significativa o processo de alfabetização em leitura, escrita e cálculos nos dois (2) primeiros anos do Ensino Fundamental, objetivando garantir amplas oportunidades para apropriação do sistema de escrita alfabética, de modo articulado a luz do Letramento em Português e Matemática.

O presente trabalho pretende mostrar que as práticas de letramento e leitura como função social interferem no processo de alfabetização das crianças a partir do 1º Ano. Dessa forma, é necessário verificar empiricamente o desenvolvimento da criança no processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética seguindo as perspectivas do letramento. Segundo Soares (1999), a partir de suas experiências com alfabetização, o letramento é visto como uma forma de encontrar prazer em diferentes atos de ler, considerando os locais de leitura mais diversos e em diferentes condições, definindo assim que “não é só na escola que se lê. Por isso, propomos neste trabalho, a leitura como base para a alfabetização. No entanto, faz-se necessário que a alfabetização seja o centro das ações pedagógicas nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, fortalecendo a construção de diversos conhecimentos linguísticos.

O processo da alfabetização é um bem muito precioso que precisa ser considerado desde a idade mais tenra. Rameh considera a alfabetização uma prática pedagógica ao afirmar que:

Enquanto prática pedagógica, a alfabetização se ocupa em mostrar os princípios do sistema alfabético. Sendo um sistema de representação, histórico e socialmente construído, o sistema alfabético possui convenções, muitas as quais precisam ser reveladas por alguém a quem pretende se alfabetizar (2006, p. 16).

No entanto esses princípios precisam ser construídos de maneira contextual, dando-lhe um real sentido ao processo, permitindo que a criança desenvolva sua autonomia e se torne protagonista da sua vivência e realidade por intermédio da participação e socialização entre eles. Neste sentido “(...) alfabetizar não é apenas ensinar as letras, as sílabas, as palavras e as frases. É preciso saber as razões, o como e o quando alfabetizar.” (RAMEH 2006, p.17).

Tendo em vista o fato de que o nosso município não tem apresentado bons índices de alfabetização e letramento, surgiu a necessidade de elaboração deste projeto, no intuito de fortalecer e monitorar as atividades de leitura e escrita realizadas pelos professores dentro deste mesmo contexto. Portanto essa pesquisa também se justifica pelo fato de que não podemos mais vivenciar práticas de alfabetização de maneira mecânica, gradual e repetitiva, mas contextual com significados reais do que estão sendo apresentados às crianças, pois reconhecer, sons e formas de letras do nosso alfabeto não significa que essa criança seja um leitor e/ou que esteja alfabetizada. Visto que assegurar a alfabetização, a leitura e a escrita é uma prioridade do nosso município, visando a democracia e a justiça social elencadas na Constituição de 1988 e para que esse processo se efetive é preciso solidez neste projeto educacional que priorize uma política de liberdade na qual ofereça alternativas e desdobramentos no âmbito escolar à alfabetização com eficiência em todas as turmas que se faz necessário.

No que se refere a essa temática Rameh ressalva que:

(...) a alfabetização é uma ação intencional, executada por um/uma profissional especializado/a (alfabetizador/a), no âmbito escolar, com o propósito de revelar ao/a alfabetizando/a as características do sistema alfabético às quais só se pode ter acesso através de mediações. (2006, p.17).

Essa mediação apenas pode acontecer na escola. Apesar de todas as problemáticas que a escola enfrenta, sem dúvida, ela, ainda é o ambiente mais propício à alfabetização, pois esse processo apenas ocorre de fato com os pares. Portanto, a alfabetização é um ato educativo que se efetiva no âmbito escolar, mas que não pode ocorrer de maneira contextualizada, neutra. Por isso objetivamos direcionar como o professor pode utilizar

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

situações de análise e reflexão sobre a Língua como instrumento para melhoria da qualidade da alfabetização e letramento dos estudantes, apresentar e socializar as possibilidades de trabalhar os gêneros textuais, na perspectiva de atender os alunos alfabetizados e não-alfabetizados, evidenciar o quanto a produção textual dos/as estudantes, pode informar ao professor sobre o que eles sabem à respeito da organização da escrita e, sobretudo, analisar que tipos de intervenções docentes serão mais significativas ao sucesso das situações de ensino e aprendizagem. E a prática do professor é de suma importância nesse processo, diante desses pressupostos Kramer nos assegura que:

É nesse sentido também que entendo a prática pedagógica enquanto função social e política: prática que, enxergando o aluno como um ser concreto, permita ao professor atuar junto a ele, a fim de lhe assegurar um instrumento que amplie a sua participação cultural, política e profissional na sociedade (KRAMER 2001, p.88)

Portanto, é preciso que o estudante se engaje neste processo do qual ele é protagonista, interagindo e buscando mudanças concretas, objetivas e reais no cotidiano da sala de aula, pois a alfabetização está atrelada ao processo de conscientização, sem essa amplitude o processo está propício ao fracasso, pois quando o indivíduo se alfabetiza há uma apropriação da escrita que é um instrumento essencial para ampliar a capacidade de argumentar e, conseqüentemente, conduzi-lo à consciência crítica, visto que, o desenvolvimento das habilidades que a alfabetização requer não se exclui as práticas sociais, ou seja, o letramento que veremos a seguir.

O termo letramento surgiu no final do século XIX a partir do seguinte questionamento: “-Porque pessoas alfabetizadas não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escritas?” (BAGNO, 2007, p. 84) Percebemos então que há uma mobilidade neste processo, tratando-se, no entanto, de um modelo autônomo no qual a escrita e a oralidade não estão ordenadas. Logo, Soares (2001, p. 72) assevera que “[...] o termo letramento para definir, não pura e simplesmente um conjunto de habilidades, mas o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.”

De acordo com Soares o termo “Letramento” surge e por intermédio dele a leitura e a escrita passaram a ser processos dinâmicos, relacionando-se com o meio social no qual o indivíduo está inserido, podendo modificá-lo.

Nessa perspectiva, compreendemos o letramento como utilização das práticas sociais, adquiridas pelo indivíduo, desenvolvendo sua concepção de mundo por intermédio da linguagem. Sabemos que esse processo ocorre de maneira contínua e que ao longo da sua trajetória passamos por inúmeras transformações no processo educativo. Portanto, embasamos tais conceitos com o intuito de ampliar a utilização dessa prática social na qual a leitura e a escrita são essenciais: Soares (1998, p.72) nos apresenta o seguinte conceito: “Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.”

Para compreendermos melhor essa temática apresentaremos uma discussão holística acerca do conceito de letramento, bem como suas significativas contribuições para um processo efetivo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar. Para tanto, apresentaremos a princípio o conceito de letramento com o intuito de evidenciar suportes teóricos que o sequencie como prática social. E por se tratar de um termo novo que apresenta certa complexibilidade para defini-lo, não podemos afirmar que o letramento apresente apenas um conceito pronto e acabado. Rameh (2006, p.70) afirma que “a noção de letramento é relativamente recente no cenário educacional e está relacionada à participação dos sujeitos nas práticas sociais que têm como eixo a linguagem e a escrita.”

O letramento tem sido o protagonista de inúmeras pesquisas, pois uma vez que envolve a leitura e a escrita, torna-se uma ferramenta crucial no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Ele não pode estar vinculado apenas ao processo de codificação, decodificação de letras e fonemas e sim a perspectiva de ensino e aprendizagem atrelada à contextos reais de utilização da língua, ou seja, a aprendizagem significativa, o que consiste num desafio permanente, pois requer uma reflexão acerca das práticas e das concepções que são adotadas como metodologias de ensino. Verdiani (2010, p. 16) conclui que:

O letramento não é uma habilidade, embora envolva um conjunto de habilidades (rotinas de como fazer) e de competências (capacidades concretas para fazer algo). Por isso, ‘ensinar o letramento’ é uma expressão no mínimo estranha, pois implica uma ação que ninguém, nem mesmo um especialista, poderia fazer. (VERDIANI, 2010, p.16)

Diante desses pressupostos, podemos afirmar que o letramento está atrelada às práticas sociais em que a criança vive e que a escola utiliza tais práticas, antes mesmo do seu ingresso, interagindo-se com o âmbito escolar.

[...] vale destacar que o conceito de letramento surgiu para resgatar a ideia pluralista de aquisição e uso da leitura e escrita na sociedade, ou seja, as pessoas usam a leitura e a escrita em diferentes domínios sociais, com diferentes objetivos [...]. (BAGNO 2007, pág. 90)

Ao ingressar na escola a criança precisa interagir com a diversidade cultural que existe neste meio educativo. Portanto, sua pouca participação neste processo social não pode ser rotulada como dificuldades de aprendizagem, pois a escola é uma instituição multicultural e cada criança apresenta essas diferenças, sendo incumbência da escola trabalhá-las, pois essas crianças são conhecedoras dessas formas de participação social que ocorrem no domínio do âmbito escolar. Mesmo porque as práticas de letramento também existem fora da escola e a dinâmica deste processo ocorre com objetivos relevantes: Verdiani (2010, p.33) pressupõe que:

As práticas de letramento fora da escola têm objetivos sociais relevantes para os participantes da situação. As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante. VERDIANI (2010, p.33)

Mesmo porque o letramento inicia muito cedo, antes mesmo do domínio convencional da leitura e da escrita a criança apresenta um nível de letramento, pois ela muitas vezes assume uma postura de leitor mesmo sem ter o domínio da prática da leitura e da escrita, portanto ao chegar na escola eles apresentam conhecimentos e habilidades que resultam do seu contexto social, ou seja, extraescolar. Portanto Rameh (2006, p. 16) constata que:

Letramento diz respeito ao processo histórico e social de aprendizagem da língua escrita por força do uso dessa mesma língua. Pode acontecer tanto em contextos formais de ensino como em situações informais, apresentando diferentes graus de domínio da língua. RAMEH (2006, p. 16)

O letramento vai muito além da leitura e da escrita. Partindo desse princípio percebemos que a amplitude desse termo está relacionada à reflexão a respeito do ensino da linguagem. No entanto isso não acontece de um momento para o outro, mesmo porque se trata de um processo contínuo, assim sendo, sua trajetória é longa e se encontra no contexto histórico educacional.

Evidentemente, a leitura e escrita são ferramentas que contribuem para a ascensão do indivíduo na sociedade e os que não dominam essas práticas apresentam inúmeras dificuldades na participação da construção dessa realidade, pois diferentemente do que acontecia no passado, a leitura e a escrita hoje são requisitos necessários à formação do

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

cidadão, mediante sua amplitude. Ler e escrever é mais importante na construção do mundo, da sociedade e, sobretudo, no desenvolvimento social do indivíduo. Rojo (2009, p.100) afirma que:

[...] as práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas, as práticas escolares. [...]. É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira. ROJO (2009, p.100)

Partindo dessa afirmação compreendemos que a escola como meio de desenvolvimento da linguagem não pode restringir os alunos ao ensino mecânico, uma vez que, à luz do letramento os alunos mesmo não leitores apresentam práticas sociais, corroborando para o desenvolvimento e a utilização dessas habilidades.

Soares (2002, p. 145) define letramento da seguinte maneira “O estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leituras e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento.”

Podemos conceber o processo de letramento como requisito de transformação do indivíduo que o diferencia dos demais em seu comportamento cognitivo e social. Portanto o processo do letramento e alfabetização apesar de serem distintos estão associados, o que tradicionalmente era considerado como pessoa letrada apenas as pessoas que dominassem a escrita, acerca desse processo Street (2014, p. 40) afirma que: “O próprio letramento, além disso, varia com o contexto social. É difícil fixar um único critério objetivo para uma habilidade amplamente representada como a chave para o processo individual e social.”

O desenvolvimento das capacidades linguísticas dos alunos precisa ser estimulado sistematicamente, na escola pois nesses termos esse desenvolvimento não ocorre espontaneamente. Kleiman (1995, p. 20) ressalva que:

[...] a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prático social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente percebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção da escola. KLEIMAN (1995, p. 20)

O processo do letramento, enquanto prática social é necessário para a aquisição da leitura e da escrita e não apenas para a decodificação. A utilização dos códigos precisa ser trabalhada apenas como concepção simbólica e princípios organizacionais de interação da linguagem, entretanto, o letramento que se encontra em outras agências como “a família, a

igreja, a rua como lugar de trabalho”, mostram orientações de letramento muito diferente. Rojo (2009, p.102) nos apresenta:

Assim, as abordagens mais recentes dos letramentos, em especial aquelas ligadas aos novos estudos do letramento, têm apontado para a heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem em geral em sociedades letradas e, têm insistido no caráter sociocultural e situado das práticas de letramento. ROJO (2009, p.102)

Portanto o letramento é o desenvolvimento de habilidade extraescolar que tem por finalidade aprimorá-lo para a prática da leitura e da escrita sendo, é, portanto, incumbência da escola enxergá-lo como um instrumento que garanta novas possibilidades de aprendizagem e jamais descartá-lo. Dessa maneira o letramento tem sido privilegiado inicialmente no mundo além da escola, entretanto há um nível de letramento que ocorrerá apenas na escola, pois só se aprende a ler e escrever, lendo e escrevendo. Rameh (2006, p.24) afirma que:

O processo de letramento está relacionado justamente a essas práticas sociais da escrita que se iniciam antes mesmo da escolarização e se estendem para além da escola, tanto no tempo como no espaço. Naturalmente, há uma variação nessas práticas sociais de escrita na complexidade presente. RAMEH (2006, p.24)

A escola precisa formar protagonistas que consigam lidar com o cotidiano, mudar, trocar e transformar experiências do seu contexto social em aprendizagens. “Com todas essas prerrogativas, o letramento é parte essencial da humanização do ser humano”. (RAMEH. 2006, p. 25).

Arelada a essa concepção, percebemos uma relação dialógica entre o letramento e seu contexto social, conduzindo o estudante a pensar, refletir, compreender, e sobretudo, agir em processo do contexto sócio histórico do qual ele faz parte, contextualizando as práticas sociais que circulam em diferentes situações. Tfouni (2004, p.10) ressalta que: “o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social”.

Esses estudos acerca do Letramento são objetos não apenas da Língua Portuguesa, mas de várias disciplinas em diversos países e idiomas, acerca da “compreensão das práticas de letramento como construções culturais sujeitas a variações no tempo e no espaço” (STREET 2014, p. 7).



A partir desses estudos foram propostas as discussões acerca da fala e da escrita, desafiando essa compreensão de mundo que impactou diretamente tanto a cultura da escrita quanto “o papel da oralidade na história da cultura humana e sua inter-relação com as práticas de letramentos os chamados “novos estudos do letramento”. (STREET 2014, p. 8). Esses estudos colaboraram e ampliaram as discussões acerca da teoria e prática, contribuindo para novas reflexões.

Street (2014, p. 9) “critica, com base em discussões anteriores sobre os efeitos cognitivos do letramento e da visão dicotômica entre fala e escrita [...]”. A partir dessa concepção, com base nos estudos e profundas discussões o autor apresenta dois modelos de Letramentos denominados de autônomo e de ideológico e contrapondo-se um ao outro. Nessa perspectiva apresentamos uma abordagem acerca desses modelos, diferenciando-as.

## **METODOLOGIA**

O projeto está ancorado no sócio interacionismo, pois baseia-se na construção do conhecimento, refletido o papel do professor e do formador como mediador nessa ação. Também levando em consideração que cada docente traz consigo práticas que são construídas no dia a dia, e fazendo a ação-reflexão-ação. Nesse entendimento de que se contribui de forma significativa e marcante na nossa prática pedagógica, tanto do professor quanto do formador, movimentando o elemento mais importante do professor: o fazer pedagógico em sala de aula, que segundo TARDIF (2002) e PERRENOUD (2001) “os saberes docentes vão sendo construídos na vida, no percurso da formação, pesquisa e ação.” Portanto, entendemos que cada docente cria e recria sua própria prática, adequando às suas condições de trabalho.

Está Projeto de formação está estruturado em oficinas teóricas e práticas com temáticas e sub-tópicos específicos em cada área do processo de alfabetização/ letramento, seja em Língua Portuguesa, seja em Matemática.

A metodologia será abordada em teoria e aplicação na prática, onde os professores irão vivenciar em sala de aula trazendo um “para casa” de volta para a formação e assim sucessivamente, para acompanhamento e monitoramento. Será vivenciada em aula atividade/ formação em serviço sendo quinzenalmente, o que está garantido no PCC do Magistério de Vicência. A formação está previsto ainda no PME para atender metas de formação continuada com objetivo de melhoria do ensino e aprendizagem, abordando as seguintes Temáticas:

## 1ª O processo de Alfabetização e Letramento

Realização de estudo de textos curtos utilizando-se de questionamentos para compreensão dos mesmos. Atividades lúdicas de alfabetização com cantigas, parlendas e quadras, para trabalho com palavras geradoras, enfocando o grafema e fonema.

- Atividades que levem os estudantes a identificar os diferentes segmentos constituintes do nome próprio (sílabas, fonemas e letras), fazendo uso desse conhecimento em outras situações).
- Realização de leitura de textos curtos com padrões silábicos simples com foco no processo de alfabetização, como desdobramento das palavras em sílabas, formação de outras palavras (Fonemas e grafemas, bem como o uso da letra bastão, alfabeto móvel, textos fatiados e outros).
- Organização do trabalho pedagógico com alternativas que atendam os diversos níveis de aprendizagem dos estudantes, estimulando a consciência fonológica;

Percebemos que muitos/as estudantes não se enquadram no perfil de leitores indicados pela autora quando diz que “alfabetização é o ato de se tornar alfabetizado, enquanto letramento é a condição de ser letrado.” Ela acrescenta que:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 1998, P.39,40)

Em relação a este assunto, Kleiman (1995) fala a respeito do distanciamento das práticas de letramento que ocorrem dentro e fora da escola. Para a autora

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde se predomina uma concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAN 2007, p.02).

Dessa forma, notamos que autora defende a ideia de que a prática do letramento deve estar voltada para o contexto em que usamos a leitura e a escrita e, simultaneamente à aquisição de habilidades e competências para se ter alunos leitores; no entanto, tampouco conseguirão se não souberem utilizar, numa situação real de comunicação, o uso da leitura e da escrita. Tal posicionamento pressupõe que a escola ainda não concebe o letramento como uma prática de ensino capaz de despertar nos aprendizes a apreensão dos saberes necessários para a sua formação leitora. Dessa forma, para alcançar este fim, ressaltamos algumas competências necessárias aos docentes. De acordo com Perrenoud o professor precisa dedicar mais energia e atenção aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem. Assim se faz uma pedagogia diferenciada, que ajuda a desenvolver métodos para que a aprendizagem aconteça para todos os alunos.

## **2ª Consciência Fonológica**

- Processo de Consciência Fonológica e Sistematização da Escrita Alfabética;
- A prática pedagógica e a influência no processo de alfabetização;
- Estimulação da Consciência Fonológica;
- Jogos que colaboram na consciência fonológica.

Cunha e Capellini (2011, p.87)

A consciência fonológica é uma parte integrante da consciência metalinguística e está relacionada à habilidade de refletir e manipular os segmentos da fala, abrangendo, além da capacidade de operar com rimas, aliteração, sílabas e fonemas (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor).

Essa consciência está atrelada a habilidade de reconhecer e manipular as palavras.

**3ª Gêneros Textuais-** Estrutura, compreensão do texto, elementos do texto, função finalidade do texto, distinguir texto literário e não literário. De acordo com Marcuschi (2006, p.25) os gêneros:

(...) devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos, cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional.

Realização de estudo e compreensão dos gêneros textuais e função social; serão trabalhados numa perspectiva interdisciplinar com construção de atividades abordando os textos listados abaixo em sequência didática. Essa temática será vivenciada nas aulas atividades que acontecem mensalmente em contra turno.

- Parlendas/ quadrinhas
- Poemas
- Cordel
- Receitas
- Tirinhas
- Bilhete
- Convite
- Fábulas
- Conto
- Notícia

Notoriamente, em cada fase de escolarização, ocorrem preferência por determinados gêneros em detrimento de outros; nestes casos, cabe ao professor proporcionar aos estudantes o contato e o manuseio de diversos materiais de leitura, o que resultará na formação do aluno leitor e na concretização de nossas metas para este ciclo. Compreendemos, assim que em todos os anos de escolarização, as crianças devem ser convidadas a ler, produzir e refletir sobre textos que circulam em diferentes esferas sociais de interlocução, embora alguns devam ser considerados prioritários, como é o caso da esfera literária, entre outras. Para a educadora e pesquisadora Magda Soares, a prática do letrar e alfabetizar, ou alfabetizar letrando, são processos simultâneos e indissociáveis no início da aquisição do sistema de escrita.

#### **4ª Numeramento (Matemática) -**

- Realização e construção de jogos para a apropriação das operações fundamentais.
- Utilização do ábaco e material dourado para a realização das operações fundamentais;
- Realização de oficina com situações- problema envolvendo as operações fundamentais
- Utilizar medidas padronizadas e não padronizada através de materiais concretos (cordão, fitas, passadas com as pernas, alturas, larguras e outros)

- Operações: adição, subtração, multiplicação, divisão e fração, explorando materiais concretos, levando a compreensão ao raciocínio lógico de cada operação.

Fonseca (2009) nos assevera que:

(...) não só porque representações matemáticas aparecem nos textos escritos, mas porque a própria cultura escrita que permeia e constitui tais práticas é também permeada por princípios calçados numa mesma racionalidade que forja ou parametriza as práticas ditas numeradas e que é por elas reforçada. (FONSECA, 2009, P.55)

Percebemos, porém, que a partir de dados de avaliações externas, bem como de Formações Continuidas, que de algum modo nossos/as estudantes apresentam muitas dificuldades na área de Numeramento.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

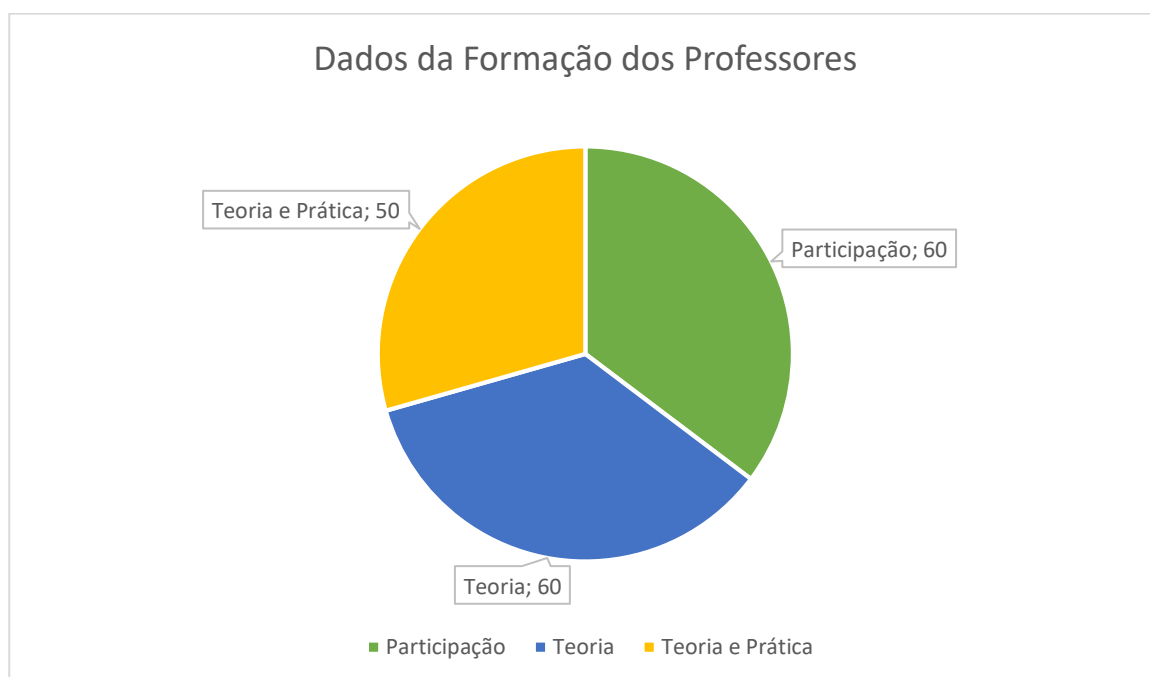
Apresentamos uma proposição por intermédio de tabela propondo e datando as visitas e acompanhamentos periódicos às escolas por intermédio da ficha de monitoramento que se encontra nos anexos. Nessas visitas serão observados se as atividades propostas nas formações estão sendo realmente vivenciadas e se o docente está inovando com novas atividades as que lhes foram propostas nas formações, efetivando dessa maneira uma aprendizagem significativa.

Quanto aos/as estudantes também serão acompanhados/as por intermédio da ficha de monitoramento que se encontra nos anexos, na qual será avaliado o índice de evolução deles nas diversas áreas de conhecimento e por conseguinte a docente nos apresentará um relatório mensal no que se refere aos avanços da sua turma, bem como as possíveis dificuldades, para que haja essa intervenção diretiva.

Para que possamos resultar de maneira qualitativa e quantitativa realizamos de maneira sistemática de modo que ocorra sempre o feedback, uma vez que o docente levará alguma atividade para a sala na qual atua, aplicará e trará para a formação seguinte como relato de experiência para o grupo, expondo de maneira oral como foi realizada, o que aprendeu e o que os estudantes aprenderam e essa dinâmica serve para a reflexão da práxis. A partir das atividades propostas para os docentes, eles terão autonomia de criarem outras,

inovando e, sobretudo, multiplicando essa prática. Para explicar é necessário observar os dados abaixo:

Quantidade	Número Absoluto	Percentual
<b>Professores Participantes</b>	60	100%
<b>Teoria</b>	60	100%
<b>Teoria e Prática</b>	50	83,33%



Segundo os dados obtidos através das visitas e formações elaboramos a imagem acima para demonstrar como se comportaram os docentes na sua prática pedagógica, que segundo o gráfico, dos 60 professores participantes 50 deles conseguiram atrelar a teoria à prática e apenas 10 não conseguiram. Sendo assim, é importante afirmar que a formação continuada é um dos pilares para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. É um dos indicadores do sucesso. Só que existe outros como monitoramento da aprendizagem, reensino, recuperação de aprendizagem adequada e comprometida, frequência do professor, do aluno, boa relação entre escola e família e outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de real importância desenvolver uma política de alfabetização que direcione os professores, pois o índice de analfabetos funcionais tem aumentado em grande escala, e, conseqüentemente, faz-se necessárias políticas educacionais interventivas, objetivando minimizar esse cenário atual.

A questão atual não é conceituar alfabetização, mas buscar prática metodológicas que potencializem as ações pedagógicas dos professores na sala que se dará com encontros periódicos, feedback e monitoramentos, podendo também acontecer intercâmbios entre as escolas com os melhores índices de aproveitamento nas avaliações externas com as que apresentam índices mais baixos. Logo, não pretendemos apresentar a complexidade e os conflitos que a alfabetização escolar apresenta, mas refletir e, sobretudo, sensibilizar os professores acerca dessa problemática que afeta crianças de todas as idades. Pretendemos fornecer subsídios que fomentem a formação de professores, especialmente os que estão em exercício da docência nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental para enfrentarmos esse desafio e tentar superar essa imensa defasagem existente no que se refere ao processo de alfabetização no município de Vicência. Para isso não podemos enxergar essa pesquisa como encerrada, uma vez que pretendemos cumprir essas 4 (quatro) metas do Plano Municipal de Educação- PME e que não se efetiva a curto prazo. São eles:

1. Diminuir os níveis de alunos não - alfabetizados em 90% já que o total de estudantes não - alfabetizados foram 156 em 2017. (Dados do PAS 2017).
2. Aumentar o grau de letramento em Língua Portuguesa e Matemática em 80% nas turmas de 1º, 2º e 3º Ano;
3. Elevar em 80% os níveis de alfabetização no ciclo da alfabetização;
4. Diminuir os índices de repetência no ciclo de alfabetização em 85% em 02 anos. (2018 e 2020).

Portanto, podemos constatar que a prática do letramento resulta não apenas na ação educativa na qual os alunos têm o domínio da leitura e da escrita, mas nos conhecimentos adquiridos no convívio familiar mesmo antes do seu ingresso na escola, ou seja, considerando sua cultura, sua visão de mundo. Logo, o processo do letramento é mediado pelas práticas sociais nas quais os alunos estão inseridos e a escola os conduzem ao processo mais sistemático, fundamentando o desenvolvimento da sua linguagem no ponto de vista da dimensão social. Neste sentido, faz-se necessário uma ação reflexiva minuciosa acerca das

estruturas construtivas que o letramento nos propõe, direcionando novas pesquisas na área, pois não há pesquisa encerrada em si mesma.0

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; CAPELLI, Simone Aparecida. **Habilidades Metalinguísticas no Processo de Alfabetização de Escolares com Transtornos de Aprendizagem.** Revista Psicopedagógica. (Online). 2011, vol.28, n.85, pg. 85-96.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docente e Profissional.** Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 2002.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira. **Discurso, memória e inclusão: reminiscências da matemática escolar de alunos adultos do ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KLEIMAN, Angela B, **OS significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo, Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Angela B, **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas, São Paulo, 9ª Edição, 2004.

\_\_\_\_\_. B. Angela, **Preciso ensinar Letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005-2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação.** In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO Karim Siebeneicher (Orgs.) **Gêneros Textuais: reflexões e ensino.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 23-36.

RAMEH, Letícia. **Aprimorando-se com Paulo Freire em Alfabetização e Letramento / Letícia Rameh.** [Et al.]- Recife; Bagaço, 2006. (Coleção Paulo Rosas, V. 6).

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** / Roxane Rojo. -São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização: as muitas facetas\***, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

\_\_\_\_\_. Magda, **Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares,** Belo Horizonte: Autêntica, 1998, 12



STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2000. – (Coleção Questões da Nossa Época. V.47).